

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO – CETREDE
ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DE ENSINO E AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO
DESENVOLVIMENTO CORPORAL E COGNITIVO NA IDADE
ESCOLAR DE CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS

LUIS HENRIQUE NASCIMENTO DE ALMEIDA

FORTALEZA-CE

2003

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO CORPORAL E
COGNITIVO NA IDADE ESCOLAR DE CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS**

LUIS HENRIQUE NASCIMENTO DE ALMEIDA

**MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DE ENSINO E AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.**

FORTALEZA-CE

2003

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Especialista em Planejamento de Ensino e Avaliação da Aprendizagem, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Luis Henrique Nascimento de Almeida

MONOGRAFIA APROVADA EM: ___/___/___

ORIENTADOR:Nicolino Trompieri

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter iluminado toda a minha trajetória profissional, bem como a meus pais, à minha querida esposa Patrícia, ao meu filho Caan Gabriel por enriquecer o meu dia a dia, ao Professor Nicolino pela sua paciência e a minha amiga e colega de trabalho Silvia Marques pela convivência e aprendizagem mútua.

A grandeza do trabalho está no brilho
da satisfação de cada ação realizada.
(autor desconhecido)

SUMÁRIO

RESUMO	
INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I- SÓ SE AMA O QUE SE CONHECE.....	10
1.1.O que é ser criança.....	12
1.1.1. O INDIVIDUAL E A DIVERSIDADE NO MUNDO INFANTIL.....	13
1.2. A CRIANÇA E OS NÍVEIS DE COMPORTAMENTOS.....	14
1.2.1. FASE SENSÓRIO-MOTORA.....	15
1.2.2. Fase PRÉ-OPERACIONAL.....	15
CAPÍTULO II - A CRIANÇA DE 3 A 6 ANOS.....	17
2.1.Características essenciais da criança dos 3 aos 6 anos de idade.....	17
2.1.1.A CRIANÇA AOS 3 ANOS.....	18
2.1.2.A CRIANÇA AOS QUATRO.....	18
2.1.3.A CRIANÇA AOS CINCO ANOS.....	19
2.1.4.A CRIANÇA AOS SEIS ANOS.....	20
2.2.A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA AUTONOMIA.....	20
CAPÍTULO III - A criança e o movimento.....	23
3.1. A EDUCAÇÃO, A EDUCAÇÃO FÍSICA E O PRÉ-ESCOLA.....	23
3.1.1. EDUCAÇÃO	24
3.1.2..EDUCAÇÃO FÍSICA.....	24
3.1.3..PRÉ-ESCOLA.....	25
CAPÍTULO IV - O DESENVOLVIMENTO, O CRESCIMENTO E O MATUREZAÇÃO DA...	26
4.1.O DESENVOLVIMENTO.....	27
4.1.1. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.....	27
4.1.2. O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL.....	29
4.1.3. DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	30
4.2.O CRESCIMENTO.....	31
4.2.1. O CRESCIMENTO FÍSICO NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA.....	31
4.2.2. FATORES QUE INTERFEREM NO CRESCIMENTO.....	32

4.3. Maturação.....	32
CAPÍTULO V- A Psicomotricidade na escola.....	34
5.1. NECESSIDADE BIO-PSICO-FISIOLÓGICAS DA CRIANÇA.....	36
5.2. Formação física.....	36
5.3. DESENVOLVIMENTO E AJUSTAMENTO DA PSICOMOTRICIDADE COMO BASE DA...	37
5.4. EFICIÊNCIA FÍSICA E RENDIMENTO MOTOR.....	37
5.5. ESTÍMULO DA EXPRESSÃO CRIATIVA ATRAVÉS DO MOVIMENTO.....	38
5.6. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR	38
5.7.1.ESQUEMA PROGRAMÁTICO	39
5.7.2.JOGOS E RECREAÇÃO.....	40
5.8.FUNÇÃO DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	41
CAPÍTULO VI – A IMAGEM CORPORAL NA CRIANÇA.....	42
6.1.ESQUEMA CORPORAL.....	42
6.2.COORDENAÇÃO DAS MÃOS.....	42
6.3.COORDENAÇÃO DINÂMICA GERAL.....	43
6.4.ORIENTAÇÃO TEMPORAL.....	43
6.5.ESTRUTURAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL.....	44
6.6.LINGUAGEM.....	44
6.7.LATERALIDADE.....	44
CAPÍTULO VII – SUGESTÕES DE ATIVIDADES P/ O DESENVOLVIMENTO ...	46
7.1.ATIVIDADE P/ TRABALHAR ESQUEMA CORPORAL, IMAGEM ...	46
7.2.ATIVIDADE P/ PROPRIOCEPTIVIDADE.....	47
7.3.ATIVIDADE P/ TRABALHAR A PERCEPÇÃO TEMPORAL.....	47
7.4.ATIVIDADES P/ SE TRABALHAR NOÇÕES DE FIGURA-FUNDO.....	48
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Conhecer a criança e aceitá-la como ela é, amá-la, é ter a certeza de que os trabalhos e as atividades motoras envolvidas para as crianças no pré-escolar e escolar serão bem desenvolvidas.

Reconhecer que as atividades orientadas são um processo edificante e pedagógico-terapêutico, que estabelece um elo para o bom desempenho escolar, como também, o desenvolvimento físico-psico-social do educando que se encontra em fase de desenvolvimento corporal e cognitivo. Portanto, torna-se necessário que haja interação entre educando e educador. E para que ocorra tal interação, tornou-se mais necessário ainda que se conhecesse que a criança em toda a sua essência. Suas satisfações, seu jeito de ser, o que gostam e o que não gostam; reconhecer os seus limites, bem como a sua potencialidade, tudo faz parte da interação. É preciso compreendê-la e ao seu mundo, bastante diferente daquele dos adultos. A criança vive em um mundo em que tudo é contato pessoal.

É por meio dos sentidos, dos movimentos que a criança começa a se interar com os outros. Sendo assim, a educação psicomotora ou educação física, torna-se cada vez mais indispensável no processo ensino-aprendizagem, principalmente, quando se trata dos movimentos orientados.

A presença física do ser humano é que faz com ela se manifeste e se relacione com os demais. O contato da pessoa com o mundo exterior torna-se possível a partir da própria realidade e conhecimento corporal. Portanto, é fundamental salientar a importância da vivência corporal, dos movimentos, da educação como formadora da personalidade. Mas vale a pena ressaltar que o ensino através de objetivos é muito mais importante do que os meios para atingí-los, pois quando o educador sabe o que ensinar, o aluno saberá certamente, o que deverá aprender.

A ausência de atividades diversificadas no mundo infantil dos 3 aos 6 anos, retarda o seu desenvolvimento natural. É a partir daí, que com as atividades lúdicas, ela aprende a desenvolver as diferenças corporais as pessoas, a usar as palavras e a reconhecer e descrever seus sentimentos estará sempre para que ela mesma se reconheça mundo e no espaço.

A leitura do conteúdo desse trabalho, convencerá, com certeza, a importância do desenvolvimento psicomotor através da educação física para as crianças na idade escolar dos 3 aos 6 anos.

Esse trabalho objetiva avaliar a importância da psicomotricidade nos processos cognitivos e motores, tendo como base a percepção corporal da criança de 3 a 6 anos, bem como, contribuir para a sua educação integral, por meio da prática de atividade física orientada, com o fim de normalizar ou melhorar o comportamento da criança no processo ensino- aprendizagem no período pré-escolar.

Reconhecer a importância da psicomotricidade na formação do comportamento e da personalidade estimulando o desenvolvimento das capacidades físicas naturais, através do movimento por meio de atividades orientadas respeitando a idade e o grau de complexidade dos exercícios; estimular a percepção corporal e psicológica em fase de amadurecimento; incrementar o processo de socialização através de movimentos lúdicos e de atividades físico-recreativas, bem como, desenvolver as aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento.

CAPÍTULO I

SÓ SE AMA O QUE SE CONHECE

É no mundo particular e singular da criança que ela, primeiramente, passa a se apropriar do conhecimento e da experiência acumulada nesse contexto educacional e educativo que ela passa pela necessidade natural da afetividade. A troca de diálogo, afeto, compreensão, delicadezas, é que tornou possível uma maior interação, integração, tanto por parte dos discentes, como por parte do docente.

Segundo Piaget(1977), na medida em que o conhecimento vai-se esgotando, ou seja, que vai deixando de ser novidade, é imprescindível procurar novos argumentos, novas metodologias que tornem a relação cada vez mais interessante, produtiva e eficaz.

Com o passar do tempo, a criança vai perdendo o interesse pela escola, pela aula, até mesmo pela brincadeira em si, e vai perdendo o seu brilho. A mãe e a professora já não satisfazem a fonte de prazer que antes otimizava o mundo dos pequenos discentes. O seu mundo agora é mais autônomo, isto é, ela se tornou capaz de procurar “prazer” das mais variadas formas. Por isso, é necessário que se fique atento à diversificação dos interesses das crianças.

É preciso manter uma parceria com a criança: na brincadeira, nos jogos, para manter e estimular a afetividade. Mas, ainda assim, ela percebe que um adulto não corresponde aos seus interesses lúdicos, procurando outras crianças. É nesse momento que ela valoriza os seus amigos de classe, de escola. A partir daí, o pai é o herói, o seu ídolo e o amor da mãe e da professora passam a ter um nível mais elevado. Mostrar que estão também interessadas em descobrir o mundo com elas, é experimentalmente comprovado, que é com certeza, uma grande conquista.

É uma outra personalidade que se percebe no discente: o amor à mãe e o amor aos colegas são de formas diferentes. E se conseguir a confiança e o afeto do discente, o docente passa a fazer um papel importantíssimo na vida daquela criança. Tal qual o papel da mãe. Portanto, tudo é uma questão de motivação, novidade, interesse, que, quase sem querer, a criança brinca, joga. É um mundo de fantasias reais.

Nessa etapa é que o docente transporta-se para a necessidade de satisfação da criança, poder conhecer qual o melhor método de fazer com que ele assimile com qualidade o conteúdo proposto. Sendo assim, conhecer é assimilar o objeto, podendo ser uma pessoa. Conhecer é saber manusear o objeto (motora, verbal ou mental). Portanto, assimilar o outro é inteirar-se no seu eu, é reconhecê-lo com um ser social que tem direitos como cidadãos de serem aceitos e respeitados como tal e que o acompanhamento profissional deva despertá-los para a vida e para as suas potencialidades. E é com amor e vocação que se produzem frutos indispensáveis para edificação. Só se ama o que se conhece e só se conhece realmente aquilo que se ama.

A própria criança vê os seres e as coisas que a cercam em função de sua própria pessoa. Sua personalidade é desenvolvida graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo à sua volta. As sugestões de atividades psicomotoras do sétimo capítulo deste trabalho estabelecem um padrão de acompanhamento orientado e adequado à faixa etária para o desenvolvimento da imagem corporal.

Têm-se a idéia de que a psicomotricidade e a educação caminham juntas, pois a primeira utiliza meios da Educação Física com o fim de normalizar ou melhorar o comportamento da criança.

Além de apresentar os fundamentos científico-pedagógicos da ação terapêutica, o campo da aplicação e a análise dos casos que este trabalho preconiza, é o uso da psicomotricidade como nova concepção psicopedagógica de educação e como medida de prevenção do insucesso escolar.

Trabalhar a criança, aproveitando da sua autenticidade, com seu jeito manso e/ou agressivo, ou seja, aproveitar-se dos pormenores, das virtudes ou eventuais defeitos é assumir com a alma e o coração o compromisso do educador: preparar para a vida. E quando a responsabilidade do compromisso supera as dificuldades, torna-se muito mais fácil encontrar meios e metodologia adequada para melhor empreender os objetivos propostos com certeza de resultados positivos.

A criança, ao chamar a atenção, necessita de carinho que em casa não encontra. Os seus apelos são demonstrados através de gestos, lágrimas, e até mesmo, grosserias. Para isso, usar de psicologia e humanidade, saber resolver situações na hora certa e com respostas certas é ultrapassar com discernimento todos os apelos vindos de quem precisa de um olhar, de um sorriso. Os problemas afetivos e cognitivos citados por Piaget, ainda estão estampados nos

rostos assombrados de centenas crianças. Vitória tanto do educador como do aluno ambos poderem juntos superar tais problemas.

1.1. O QUE É SER CRIANÇA

Antigamente era desconhecida a existência da criança. Para os adultos, as crianças eram seres em miniaturas. Foi a partir de Rousseau que os educadores começaram a inventar métodos na expectativa de respeitar a personalidade da criança. Mas faltavam-lhes bases científicas e pesquisas de campo para se chegar a uma metodologia apropriada.

O Dr. Benjamim Spock, psicoterapeuta norte-americano, por experiência de um livro seu editado, encorajou aos pais a darem total liberdade às crianças, sendo depois processado por influenciar a insubmissão juvenil. Certos de que tal procedimento não é correto para educar uma criança e que a falta de limites leva à alienação, ao desrespeito, e que as crianças não podem ser cobaias, Rousseau rebate que a criança deve ser tratada como se estivesse em contínuo processo embriológico, ou seja, em constante crescimento em contato com o mundo em que vive, com muito carinho e atenção. A criança não pode ser os desejos incontidos dos pais. Os desejos que foram abortados pelos pressupostos desejos de seus antecessores.(LIMA,1980)

Para alguns estudiosos, o período de fixação de todas as condutas posteriores dos adultos é a infância. Freud também foi o primeiro a ir à busca de elementos científicos para determinar as bases da pedagogia infantil.

Segundo Piaget (1977), a criança tem problemas afetivos e cognitivos para alcançar o pensamento lógico-formal. Grande parte da população mais pobre e a mais excluída do processo sócio-cultural jamais atinge tais níveis de pensamento, o que explica seu estado de sujeição à classe dominante através de um círculo vicioso: não têm nível mental para enfrentar os concorrentes e são excluídos do processo sócio-cultural.

Toda vez que a criança, desde o seu estágio embrionário até a adolescência é envolta em afeto, compreensão, estímulo; toda vez que o comportamento consiste em inventar ou descobrir uma nova estratégia de ação, vê-se na criança um comportamento inteligente. O contrário da inteligência é o instinto e o hábito. A característica fundamental da inteligência é a ligação de um meio a um fim.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura,

em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da Psicologia, Antropologia, Sociologia, etc. possa ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.

1.1.1.O INDIVIDUAL E A DIVERSIDADE NO MUNDO INFANTIL

A tarefa de individualizar as situações de aprendizagens oferecidas às crianças é tarefa do educador, acatando as capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas, assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens sócio-culturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que respondam, simultaneamente, às demandas do grupo e às individualidades de cada criança.

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural.

1.2. A CRIANÇA E OS NÍVEIS DE COMPORTAMENTOS SEGUNDO PIAGET

Segundo Piaget(1977) o comportamento humano tem níveis reais ou possíveis, uns mais complexos e outros mais simples. Quanto mais os movimentos que as crianças realizam (para atingir um objetivo) se aproximam do grupo do deslocamento (operações – noções de grupo de Poincaré na explicação das possibilidades de comportamentos do homem), mais alto é o nível de comportamento: inteligência é apenas, esta operacionalização do comportamento. *“Inteligência é a flexibilidade que permite formas variadas no comportamento (combinações de movimentos que as levem a obterem novos resultados”* (Piaget, 1978, p. 35). Quanto mais variadas e coerentes forem as operações (deslocamentos) da criança, mais inteligente ela será. A inteligência caminha para obter soluções cada vez mais lógicas, mais rápidas e eficientes, uma vez que a função dela, em última análise, é organizar o comportamento. E manter o ser vivo (pode, contudo, brincar de resolver problemas, por pura exercitação, caso em que complica, tremendamente, a solução só para se auto desafiar: essa atitude é que se chama jogo. Mas, por aí se vê que a inteligência não é só privilégio do homem: todo animal que não esteja agindo (automaticamente) por instinto (o instinto é uma inteligência inata), de uma forma ou de outra, está utilizando a inteligência. O problema, então, é medir a operacionalidade de seu comportamento).

Portanto, criam-se situações interessantes para levar às crianças a inventar novos comportamentos, a fim de superar as dificuldades e o planejamento proposto, desenvolvendo, assim, a inteligência. O que faz um ensino ser inteligente não é o conteúdo, mas a maneira de ensinar, sendo assim, a inteligência não se preocupa com os conteúdos, e sim com as estratégias que tornam o comportamento eficiente na busca de objetivos.

Não ficou Piaget nos aspectos gerais da epistemologia genética (a palavra genética, aqui, deve ser entendida no sentido de desenvolvimento, isto é, de noções ou idéias que se vão desdobrando em outras, com crescimento). Acabou dividindo o comportamento intelectual da criança em fases, que se vão substituindo até a adolescência, correspondendo cada uma delas a esquemas intelectuais diferentes. As fases são as seguintes:

1.3.1. FASE SENSÓRIO-MOTORA

É por meio dos sentidos e do movimento que a criança começa a se conhecer, dando início à sua interação com os outros, com o ambiente físico e cultural. Segundo Piaget (1977), é a partir de experiências sensório-motoras que se inicia o processo de construção da inteligência e do próprio psiquismo.

Quando se observa uma criança no seu dia-a-dia percebe-se sua alegria e espontaneidade em movimentar-se livremente. Ela corre, pula, chuta, lança objetos para cima e para os lados, enfim, constantemente busca auto-superações a partir de suas próprias experiências corporais. Por meio destes movimentos elas expressam seus pensamentos, sentimentos e emoções, prelúdios da estruturação de sua personalidade.

Desde que nasce até aos 2 anos, a criança se encontra nessa fase de inteligência. Todos os seus esquemas dependem estritamente daquilo que os sentidos captam. Não dispondo de linguagem nem imaginação, a criança não pode representar-se situações que não estejam presentes. Durante esse período, entretanto, ela vai enriquecendo aos poucos sua informação e seus esquemas, cujos elementos só entram em ação quando o meio proporciona aspectos outros que os suportem. A criança que se fixava num brinquedo colocado diante dela, transfere essa fixação para a almofada que passa a encobri-la.

1.3.2. FASE PRÉ-OPERACIONAL

Segundo Lima (1980), nessa fase implantam-se outros esquemas que asseguram, por volta dos dois anos, o aparecimento do pensamento. A criança pode distinguir o significador do significado. Significador é, por exemplo, a imagem ou a palavra. Significado é aquilo a que o significador se aplica, isto é, o objeto representado pela imagem ou pela palavra. Aqui entra, possivelmente, como primeira função fornecedora de significadores, a imitação.

Até os quatro anos, a atividade intelectual da criança consiste em acumular imagens e exercer atividades representativas, assim como diferenciar, de maneira cada vez mais perfeita a imagem e a linguagem da ação e da realidade. Os esquemas da época sensório-motora apresentam agora modificações já muito grandes e a linguagem (que para Piaget vem depois do pensamento), por assim dizer, se submete a um remanejamento completo.

A criança continua, entretanto, a ver coisas sensorialmente, sendo seu pensamento dominado por determinadas características de situação, como por exemplo, altura e largura.

Não utiliza quase imagens abstratas, mas sim, as que têm caráter concreto. O que significa que ela não consegue voltar à origem do pensamento que desenvolve (reversibilidade). Só consegue encarar as coisas do ponto de vista que é o dela. E se acha que o refresco que recebeu é igual, qualitativamente, ao de seu amiguinho, porque colocado numa garrafa igual, passa a achar que ganhou mais porque foi colocado num recipiente mais alto, ou mais largo. Não consegue ainda, a criança, distinguir classes.

Por volta dos quatro anos, nota-se outra modificação: de início a criança pode concentrar-se mais numa tarefa, adaptar a inteligência a ela. Isso vai até os cinco anos. Mas depois e até aos sete anos, as rígidas estruturas intelectuais começam a atenuar-se.

É a fase do pensamento intuitivo, usada à expressão intuitiva, aqui, para significar ações isoladas, não sistemáticas, que ainda não se fundem num pensamento integrado.

CAPÍTULO II

A CRIANÇA DE TRÊS A SEIS ANOS DE IDADE

Traçando um paralelo em todas as fases, acompanhando o comportamento intelectual da criança, percebe-se que é a partir dos dois anos de idade, que ela se torna mais ativa. Com a aquisição da consciência de si mesma, há uma ampliação do universo social e individual. Convencida de que é algo diferente das pessoas e objetos que a rodeiam, ela deverá descobrir agora o tipo de pessoa que poderá vir a ser.

O mundo da criança nesta fase é um mundo mágico. O jogo do faz-de-conta domina todas as suas atividades. Com a imaginação e fantasia ela salta as fronteiras do tempo e do espaço e aumenta os limites de sua força real. Alimenta as suas ações e a sua alegria, ajundo-a a superar as coisas que ela não entende e aceita por não ter opção e não aceita deixando-a grosseira e mais sensível às diversidades.

Com as atividades lúdicas ela aprende a desenvolver as diferenças corporais entre meninos e meninas, a usar as palavras e a reconhecer e descrever seus sentimentos. Competirá com as outras crianças e mostrará a força de suas capacidades, aptidões e habilidades.

Na esfera intelectual, graças à imaginação, ela explorará e manipulará idéias sem ficar presa às regras da lógica. O jogo do faz-de-conta também a ajudará a dar vazão aos seus desejos, temores, esperanças e impulsos agressivos. Esse jogo estrutura a criança e a leva para um mundo que mais tarde ela terá que escolher qual o caminho a seguir.

2.1. CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DA CRIANÇA DOS TRÊS AOS SEIS ANOS DE IDADE

O mundo da criança é muito diferente e diverso do mundo dos adultos. Por isso é preciso conhecê-la. A criança dos três aos seis anos vive num mundo em que todo contato pessoal (o afeto, o carinho, o toque) é essencial para o seu desenvolvimento normal.

Quaisquer coisas que não lhe interessem diretamente para o seu bem-estar ou para as pessoas a quem ama ou a quem estima, jamais penetrará naturalmente no seu campo de experiências. Pois o seu mundo é particular. Tudo é afeição, alegria, simpatia. Não há

lugar para a verdade, no sentido de conformidade para com o fato externo. A sua vida é integral e unitária. A unidade de interesses pessoais e sociais que dirigem sua vida mantém coerentes todas as coisas que a ocupam. O seu mundo, é o seu mundo. O mundo que a rodeia é mais particular ainda quando existe reciprocidade.

E se o mundo para a criança é particular, é necessário que o educador se inteire, se envolva, para desenvolver um trabalho eficiente e eficaz no campo da educação física, com base para a Psicomotricidade, de acordo com Melcherts (1996), penetre no mundo infantil para melhor conhecê-la em seus porquês, seus praquês e em suas características essenciais que fazem parte do seu mundo:

2.1.1. A CRIANÇA AOS TRÊS ANOS

A linguagem muda o aspecto afetivo e intelectual da criança. Ela se torna capaz de reconstituir suas ações passadas sob forma de narrativas e de antecipar as ações futuras pela representação verbal. A partir daí, surgem as conseqüências essenciais para o seu desenvolvimento mental. Da interiorização da palavra, surge a sociabilização da ação, ou seja, a aparição do pensamento propriamente dito, que tem base na linguagem interior e nos sistemas de símbolos.

Nesta fase, ela sabe executar movimentos novos e complexos, sobretudo com as mãos. Imita sons e gestos corporais. Ela não fala somente de outras pessoas ou coisas, ela também fala a si própria, um monólogo variado que acompanha seus jogos e suas atividades.

2.1.2. A CRIANÇA AOS QUATRO ANOS

A criança aos quatro anos é expansiva, alegre, ativa, faz perguntas dos mais variados assuntos. Tem consciência da sua própria idade, os processos intelectuais têm limite. A compreensão do passado e do futuro é reservada, limitada. De memória, conta alguns números. Tem mentalidade ativa, enquanto o pensamento é mais consecutivo e associativo e menos abreviado. Reproduz tudo o que ouve por meio da expressão corporal, do gesto. Concentra-se num mesmo detalhe dos desenhos numa mistura primitiva de simbolização. Gosta de criar de improviso e é inconstante nas tarefas. Demonstra atitudes intuitivas no comportamento intelectual e social.

2.1.3. A CRIANÇA AOS CINCO ANOS

Aos cinco anos a criança é reservada e dona de si mesma, e sua relação com o mundo se faz em termos amistosos e familiares. Seu universo é totalmente constituído, principalmente, pela sua casa, pelo seu pai e sua mãe que é o centro desse universo. Sua relação com o mundo é muito pessoal. Possui um sentido relativamente forte de progressão; em relação às coisas de que gosta, demonstra inclusive sentimentos de posse, mas sempre em referência a si mesma. Não tem noção geral de propriedade e tende a ser realista, concreta, a falar e a pensar na primeira pessoa, sem chegar, no entanto, a ser agressiva ou combativa.

A criança de cinco anos de idade produz uma impressão favorável de estabilidade, porque é capaz de concentrar sua atenção sem distrair-se e por que suas exigências não são excessivas. Agrada-lhe assumir pequenas responsabilidades e privilégios si mesma. Não tem noção geral de propriedade e tende a ser realista, concreta, fala e pensa na primeira pessoa, sem chegar, no entanto, a ser agressiva e combativa.

Acomoda-se bem à cultura em que vive. Sua espontaneidade faz com ela se realize sob um bom domínio de si mesma. Busca apoio dos adultos e fica ansiosa para saber se estão de acordo com sua sensibilidade. Gosta de receber instruções para se sentir no contexto social. Meninos e meninas se aceitam mutuamente. Entende o que seja ontem e amanhã (orientação temporal); e domina a lateralidade (em relação a si mesma, não em relação a outras pessoas). Procura estímulo nos outros, tem uma linguagem desenvolvida e demonstra graça e habilidade.

2.1.4. A CRIANÇA AOS SEIS ANOS

Aos seis anos a criança encontra-se numa idade de transição, com mudanças fundamentais somático e psicologicamente falando. Tem bloqueio em manipular idéias opostas. Não tem experiência no tratamento com as pessoas, por isso, não consegue integrar-se socialmente. Inverte as letras do alfabeto. É recíproca no jogo (isto por aquilo).

Joga mais facilmente com um companheiro do que com dois. Mostra ter interesse em festa para organizar novas experiências. Usa de gestos para expressar emoções e idéias, a aprendizagem dá-se por participação e por auto-motivação criativa, não estando pronta para a leitura, escrita e matemática.

2.2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA AUTONOMIA

Segundo Lima (1980), a maneira como cada um vê a si próprio depende também do modo como é visto pelos outros. O modo como os traços particulares são recebidos pelo professor, e pelo grupo em que se insere, tem um grande impacto na formação na criança de sua personalidade e sua auto-estima, já que a sua identidade está em construção. Quando se aceitam as diferenças, aceitam-se também as semelhanças. Muito embora com recursos diferenciados, a criança passa a interagir com mais abertura com os demais coleguinhas, como também com a família. Pois, é aprendendo com os outros que a sua identidade vai se firmando cada vez mais. A troca de experiências de mundos diferentes e interessantes torna por demais gratificante aprender com o outro.

A criança participa de outros universos sociais (festas da sua cidade, da sua igreja, feira, clubes, datas comemorativas etc.), podendo ter uma vivência diversificada, resulta daí um conjunto rico de valores, crenças e conhecimentos.

O ingresso da criança na educação infantil, particularmente, na educação física, pode alargar o seu universo, pois passa a conviver com outras crianças e com outros adultos, possibilitando a aprendizagem de novas brincadeiras e adquirir conhecimentos de realidades diferentes. Possibilita também, o desenvolvimento de suas atividades físicas, mentais e sociais.

Mesmo pequenas, as crianças demonstram forte motivação para a interação com outras crianças. Além de manter informações, contatos com o outro, é capaz de estabelecer vínculos, uma característica básica do ser humano.

A vida é movimento. O gesto humano é uma das primeiras manifestações de expressão e, por conseguinte, de comunicação entre o ser e o meio em que vive.

A realização de atividades motoras pelo aluno, além de exercer papel preponderante no seu desenvolvimento somático e funcional, estimula e desenvolve as suas funções psíquicas. Daí a razão de ser da educação do corpo como fator de equilíbrio orgânico.

Outra necessidade fundamental do ser humano é a necessidade do prazer, do afeto, ou seja, da **sexualidade**, que é independente da **potencialidade** reprodutiva. Nesse sentido, é entendida como algo essencial, que está presente desde o nascimento, manifestando-se de formas diferentes segundo as fases da vida.

O desenvolvimento da **sexualidade** está totalmente voltado para a cultura de cada povo, devido às suas regras e determinações.

O prazer, nas crianças, se manifesta de forma diferente da do adulto. Em momentos distintos de sua vida, manifestando mais em algumas partes do corpo do que em outras. A boca é uma parte do corpo que faz com a criança vivencie a sua sexualidade.

Tanto na família como na escola, as explorações sexuais das crianças mobilizam valores, crenças e conteúdos dos adultos, num processo que nem sempre é fácil de ser vivido, sobretudo se houver por parte das crianças uma conotação de promiscuidade ou algo anormal, a tendência é que, quanto mais tranqüila for a experiência do adulto no plano de sua própria **sexualidade**, mais natural será sua reação às reações espontâneas infantis.

A criança também vai se auto-identificando quando tenta imitar gestos, palavras e expressões dos adultos. Imitam animais e seus respectivos sons, demonstrando assim, um modo de comunicar-se com outros ou até mesmo com os animais. A criança observa e aprende com o outro, num desejo de se identificar, se aceitar e aceitar aos outros, como também num desejo de diferenciar-se.

Outra forma fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança é a brincadeira. Tal atividade faz com que desenvolva a imaginação, a atenção, a memória, a imitação. Amadurecem também as capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e de papéis sociais (brincam como se fossem o pai, a mãe, o filhinho, o médico, o herói, o paciente e vilões) fazendo com que elas aprendam, imitando e recriando personagens, relações entre as pessoas, sobre o eu e sobre o

outro, como também, a vivenciar certas situações com o objetivo -mesmo que inconscientemente- de superar para sobreviver melhor.

Ainda de acordo com Lima (1980), opor-se é outro recurso fundamental no processo de construção do sujeito: significa diferenciar-se do outro, afirmando assim, seu ponto de vista, os seus desejos.

Depende de vários fatores, tais como: características pessoais, liberdade demasiada ou não. O opor-se também muda de acordo com a idade e diversos são os temas de oposição. Ex: Em classe disputam por um lugar, mesmo que haja outros desocupados; brigam por um brinquedo, mesmo que haja outros etc.

Por meio da linguagem, o ser humano tem acesso a outras realidades sistemáticas, sem que experimente concretamente. Sabe-se muito bem o que se passa em toda a escola, sem que seja preciso estar presente e/ou vivenciá-la.

A criança identifica a sua pessoa como uma perspectiva particular e única ao referir-se a si mesma pelo próprio nome (Tia, Thiago quer beber água) quando na realidade ele fala de si mesmo. Portanto, a linguagem fornece vários indícios quanto ao processo de diferenciação entre o eu e o outro. A linguagem enriquece as possibilidades de comunicação e expressão, servindo também como ligação para a socialização.

Ao interar-se socialmente, a criança são inseridas na *linguagem*, partilhando significados e sendo significado pelo outro. Ao aprender a língua materna, a criança toma contato com conteúdos e concepções, construindo um sentido de pertencer a uma sociedade, com seus direitos, mas também com suas obrigações.

Com a linguagem, a criança tem acesso a mundos diferentes e imaginários, cheios de informações e culturas diversas. Mas, é na aquisição da consciência dos limites do próprio corpo que a criança aprende a diferenciar o outro e o seu eu. O contato físico com outras pessoas, a observação daqueles com quem convive, a criança aprende sobre o mundo, sobre si mesma e comunica-se pela linguagem corporal.

Brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente.

CAPÍTULO III

A CRIANÇA E O MOVIMENTO

Em diversas áreas o movimento corporal humano tem sido objeto de estudo, principalmente nas áreas de Educação e Psicologia, como também da Saúde e Ciências Sociais, constatando assim a importância de atividades sistematizadas de movimento, para as crianças nos primeiros anos de vida, visando um apropriado crescimento físico, social e psicológico.

É por meio do movimento e dos sentidos que a criança começa a conhecer, dá início à sua interação com os outros, com o ambiente físico e cultural. Enfatizando ainda mais, é a partir de experiências sensório-motoras que se inicia o processo de construção da inteligência e do próprio psiquismo.

Ao observar uma criança no seu dia-a-dia no pré-escolar brincando, acompanhada ou não, para ela o espaço torna-se um ambiente cheio de fantasia onde tudo ao seu redor perde suas reais funções do mundo do adulto e assume outras funções que a estimulam em direção a movimentos espontâneos e criativos. Tal dinâmica faz com que a criança se desenvolva e satisfaça suas necessidades essenciais, tão importantes quanto é o alimentar-se.

Para a criança, movimentar-se através de brincadeiras, “alimento” que a faz progredir, desenvolver-se de forma saudável, evitando assim distúrbios e transtornos de natureza psico-afetiva que poderiam vir a dificultar o pleno desenvolvimento das potencialidades.

3.1. A EDUCAÇÃO, A EDUCAÇÃO FÍSICA E O PRÉ-ESCOLAR

Aqui, são explicitados vários conceitos no que se refere à educação pré-escolar e, até mesmo, à educação física para que se torne de fácil entendimento e aplicação no contexto da psicomotricidade na faixa etária de três a seis anos.



3.1.1. EDUCAÇÃO

É o processo que visa levar o indivíduo a explicitar as suas virtualidades e a encontrar-se com a realidade para nela atuar de maneira consciente, eficiente e responsável a fim de serem atendidas necessidades e aspirações pessoais e sociais.

3.1.2. EDUCAÇÃO FÍSICA

Diante dessa exposição de demonstrações teóricas, do conceito do que seja educação física segundo Melcherts é bastante aceitável:



“...é o conjunto de atividades físicas, metódicas e racionais, que se integram ao processo de educação global, visando ao pleno desenvolvimento do aparelho locomotor, bem como ao desenvolvimento normal das grandes funções vitais e ao melhor relacionamento social.” (1996, p.14)

Tal conceito estabelece uma relação entre educação e educação física, de vez que nenhum processo educacional pode ser considerado completo se não se ocupar do desenvolvimento físico, que durante a escolarização da criança, atinja o plano biológico, psicológico, social e moral por meio de atividades formativo-corporais de base e psicomotoras em geral.

A educação em geral está estreitamente ligada à educação física, pois diz respeito à atividade psicomotora (de movimento) que caracteriza o ser humano, seja no trabalho do dia-a-dia, seja nas atividades desportivas ou recreativas.

A educação física, quaisquer que sejam as suas funções, está ligada a uma atividade muscular controlada, regida por normas, princípios, métodos e objetivos bem definidos que vão desde o movimento morfo-funcional do organismo infante-juvenil até a manutenção do equilíbrio homeostático do indivíduo adulto e a reorganização orgânico – funcional do indivíduo doente ou deficiente físico por sequelas traumáticas, produzidas por doenças anteriores.

A atividade física, por meio de programas adequados de educação física, mais é uma necessidade de ordem biológica do que mesmo de ordem pedagógica, pois a atividade motora, mesmo que dê frutos pedagogicamente falando, iniciada após o nascimento e manifestada externamente por meio de movimentos das mais variadas formas.

De acordo com Melcherts (1996) a finalidade da Educação física é contribuir para a educação integral da criança, por meio de prática de atividades físicas racionais e variadas de acordo com a necessidade psico-motora da criança.

Mesmo estando voltada para o desenvolvimento corporal, nem por isso deixa de se preocupar com os demais aspectos do processo educativo. Cumpre lembrar que a educação pelo movimento, ou seja, a utilização e a contribuição da ação, para desenvolver, facilitar e reforçar a aprendizagem escolar, bem integra a educação física.

Os objetivos gerais, tais como: estimular o desenvolvimento das capacidades físicas naturais, através do movimento criativos, bem como estimular a socialização; desenvolver as aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento psico-motor; propiciar e melhorar a aptidão por meio da prática de habilidades motoras fundamentais, em atividades de iniciação aos desportos individuais e coletivos, devem ser seguidos a partir do momento em que a criança começa a manifestar os primeiros movimentos motores.

3.1.3. PRÉ-ESCOLAR

“ O Pré-escolar é um termo conhecido mundialmente, aprovado pela UNESCO, aceito por congressos e organizações nacionais e internacionais. Ela expressa o que antecede à escola como instituição formal de educação. É por antítese, a idade do crescimento e do desenvolvimento, não apenas físico, mas sobretudo psíquico, mental e emocional. Expressa a faixa etária de zero a seis anos, independente de se dar ou não atendimento a essas crianças.”(Melcherts, 1996, p.13).

CAPÍTULO IV

O Desenvolvimento, o Crescimento e a Maturação da criança



Piaget define o desenvolvimento psicogenético como “o desenvolvimento ao mesmo tempo orgânico e mental, que leva do nascimento à adolescência, ou seja, ao ponto da inserção do indivíduo na sociedade adulta”.

(1977, p. 12).

Por isso, devemos distinguir Desenvolvimento de Maturação, já que o primeiro termo refere-se tanto aos processos relativos ao sistema nervoso, como aos processos psicológicos, enquanto que o segundo conceito centra-se no ponto de vista orgânico.

Com respeito a essa questão, alguns autores apontam que estes dois conceitos costumam confundir-se. No entanto são muito diferentes, pelo menos em seu aspecto estritamente neurológico. Esta dualidade de forças, idade e meio, é a mesma definição do desenvolvimento, cuja organização das variantes se opõe ao determinismo estrito da maturação.

Maturação é o conjunto de transformações que sofrem os organismos até alcançar a plenitude.

Por sua vez, devemos distinguir crescimento dos dois termos já mencionados, porque fica claro que este se refere aos aumentos de tamanho, peso e volume.

Dentro do processo maturativo, na finalidade do nosso trabalho, interessa-nos descrever com precisão a maturação física no aspecto neurológico neurológico.

A maturação neurológica abrange os processos de completude das estruturas do sistema nervoso central e neuromusculares, que incluem os processos de crescimento e maturação bioquímica e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento e enriquecimento dos sistemas de interconexão que resultam em coordenação progressivamente mais completa, mais complexa e abrangente. Em tal sentido, está intimamente ligada ao intercâmbio entre organismo e meio.

Embora exista um determinismo geneticamente estabelecido que regula o ritmo e a duração desses processos, pode-se observar que as condições do meio, tanto no sentido no

sentido físico-ambiental, como no sentido de estimulação, podem influenciar modificando a função e ainda a estrutura dos mesmos. Mais discutida resulta a possibilidade de uma influência positiva que, entretanto, nossa experiência clínica nos induz a colocar como possível.

Assim, desenvolvimento, crescimento e maturação referem-se, desde de três expectativas diferentes, aos progressos evolutivos da criança: enquanto crescimento alude às mudanças pponder-estaturais e maturação assinala a conclusão das estruturas biológicas e sua mais acabada articulação.

E segundo Gesell (1977), os conceitos seguintes constituem uma explicação do desenvolvimento humano:

4.1. O DESENVOLVIMENTO

Nesse sentido Gesell (1977) entende o desenvolvimento como um processo que se efetua de modo contínuo ao longo da idade evolutiva, varia para cada idade.

A mente desenvolve-se de acordo com o seu físico, isto é, segundo os processos que organizam o crescimento mental, do qual formam os padrões de conduta que são determinantes da organização do indivíduo, levando-o à maturidade psicológica.

Gesell (1977) reconhece que o meio exerce poder sobre o indivíduo (a sua conduta), deterninando a ocasião, intensidade e correlação de muitos aspectos no comportamento, porém não enquadra a progressão básica do desenvolvimento, a qual está determinada por mecanismos próprios da maturação.

4.1.1. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Dois grandes campos podem ser discriminados neste conceito: o desenvolvimento desde o ponto de vista cognitivo bem como o desenvolvimento da personalidade.

Piaget (1977) menciona quatro fatores determinantes do desenvolvimento cognitivo: 1) herança, 2) experiência, 3) transmissão social e 4) equilíbrio. Menciona, no duplo sentido de, por em lado, os inconvenientes funcionais ligados à herança geral da substância vivente, e certos órgãos ou características, estruturais, ligados à herança especial do homem e que servem de instrumentos elementares para a adaptação intelectual.

Neste sentido, Piaget ainda amplia: *“os reflexos e a própria morfologia dos órgãos a que estão ligados constituem uma espécie de conhecimento antecipado do meio exterior, inconsciente e totalmente posterior, claro está, indispensável para o conhecimento efetivo”*. (1978, p. 20)

Experiência, não no sentido de acumulação passiva de informação, porque para Piaget a experiência não é recepção, mas sim, ação e construção progressiva.

Baseado em suas investigações, Piaget (1977) diz, em relação à transmissão social, que ocorrendo conflitos de comunicação isso será condição necessária para a descentração intelectual. Há que se admitir que a interação social deve ser um fator essencial no desenvolvimento cognitivo, pois, ao observar uma criança brincando sozinha ou em grupo percebem-se condutas que estão relacionadas diretamente às regras, valores, símbolos e produtos sociais.

Quanto à equilibração, trata-se de um processo interno que mobiliza as transformações dos sistemas de ação e pensamento para compensar as perturbações produzidas no intercâmbio do sujeito com o meio. Fala-se de equilibração e não de equilíbrio porque não se trata de um estado, mas sim, de um processo relativo aos mecanismos de desenvolvimento, tal que *“...as estruturas cognitivas podem ser interpretadas como o produto ou o resultado de um processo autônomo de equilibração”* (PIAGET, 1977, p.22), tendo-se presente que *“um estado de equilíbrio não é um estado de repouso final e sim, constitui um novo ponto de partida”*.(idem, p.20)

De acordo com Lima (1980), ao nascer, o bebê parece desamparado e muitos dos seus atos dão a impressão de não ter objetivos. Em breve seus movimentos estarão configurados em numerosas habilidades. Em algumas semanas ele apresentará características que identificarão sua singularidade. Enquanto isso, ele tomará consciência de si mesmo, dos seus sentimentos e das pessoas que o cercam.

Com o aparecimento da função simbólica (linguagem) ocorre a formação dos primeiros conceitos, o que permite a criança representar pessoas e objetos ausentes e imagine situações que não estão em sua realidade imediata.

Durante a idade pré-escolar há uma expansão da curiosidade intelectual. Em suas perguntas, pode-se observar uma necessidade de conceituar o cotidiano. As ações da criança passam a ser fruto de suas conclusões e raciocínio. No entanto, sua forma de solucionar problemas é bastante primitiva. Por volta dos dois a três anos estará apta para falar e a se envolver em atividades psicomotoras. A tarefa principal da criança nos seus primeiros anos de

vida é a descoberta do mundo físico e de si mesma como um objeto desse mundo. O processo de aprendizagem de um indivíduo para conhecer o mundo e a si próprio começa com a percepção e se acentua com o desenvolvimento da inteligência, está ligado totalmente à criatividade, pois o seu exercício aprimora e estimula a inteligência. É uma espécie de criatividade de novos comportamentos para melhor enfrentar a realidade. Sem criatividade não há construção.

A aprendizagem é a própria criatividade e é estimulada, principalmente, para enfrentar os constrangimentos. Sendo assim, sua função é criar para sobreviver. Se algo não desestimula o ideal de vida ou, até mesmo, o ideal da aprendizagem em si, o indivíduo passa a inventar (criar) para corrigir desadaptações. Portanto, se com a criança ocorrem tais desestímulos, a aprendizagem não ocorre de uma forma eficaz e produtiva.

4.1.2. O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Um fator muito importante para o desenvolvimento da personalidade é a aquisição da linguagem. Ao ouvir repetidamente seu nome entre frases, a criança começa a reconhecer certas sensações, sentimentos e características como seus.

Nos dois primeiros anos de vida, o nome adquire significado para a criança e isso auxilia no desenvolvimento da consciência de si mesma.

As roupas, os brinquedos, os objetos de uso pessoal desempenham um papel fundamental no processo de auto-identidade. Dos dois aos três anos de idade acentuam seu sentimento de identidade quando mostram seus sapatos novos, um penteado ou um brinquedo. Tais situações auxiliam na construção da noção de si mesma como alguém distinto das demais pessoas. No entanto, essa identidade é emergente e instável.

A criança desta etapa ainda não separa nitidamente o real do imaginário. O interior se confunde com o exterior em situações emocionais fortes, tanto nos jogos dramáticos como nas fantasias.

Enquanto está nesse processo de descoberta de suas atribuições como pessoa, a criança apresenta uma acentuada tendência a opor-se a interferências. Por isso resiste a qualquer coisa que não se harmonize com as idéias e atitudes que adotou.

4.1.3. O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O desenvolvimento social nesta fase restringe-se ao nível sensorial e motor. A criança explora os objetos e brinquedos que lhe são oferecidos em função de comportamentos recém-adquiridos. Ela pode, por exemplo, jogar o chocalho no chão para que o adulto o apanhe e o coloque em suas mãos várias vezes sucessivas. Pode empilhar brinquedos e derrubar a pilha seguidamente.

Dos dois aos seis anos predomina a fantasia na maior parte das atividades lúdicas. Dramaticamente falando, a criança experimenta concretamente os papéis sociais de outras pessoas. Sendo assim, ela representa os papéis de mãe, de filho, de herói e de bandido, de piloto, de chofer de caminhão etc. Nessas brincadeiras ela é o avião e o piloto, o chofer e o caminhão, ou seja, ela desenvolve os dois pólos ao mesmo tempo.

Esse jogo dramático não serve apenas para que ela aprenda a viver em sociedade da qual ela faz parte, mas também serve ainda como veículo de sentimentos, temores e ansiedade. Pelas atividades lúdicas a criança revela a distribuição do poder dentro da família, o tipo de disciplina que lhe é imposta pelos pais e professores, o amor e a ternura que os adultos manifestam por ela. É pelas dramatizações que ele expressa sua visão da importância relativa aos elementos da família.

Por volta dos quatro anos de idade os companheiros imaginários aparecem fazendo parte do seu cotidiano. Muitas vezes tais companheiros não são aceitos pela criança. É o caso das fantasias que amedrontam e a fazem perder o sono.

Ainda nesta fase, a criança gosta de participar de grupos de crianças mais velhas passando a imitá-las. Não podendo estar ao pé de igualdade com tais crianças passa a isolar-se.

A partir dos cinco anos de idade, gradativamente se iniciam as brincadeiras ou jogos interativos. Neste caso, o grupo se forma coeso e as regras dos jogos são comuns e respeitados.

4.2. O CRESCIMENTO

O crescimento é um processo de formação de padrões, quer o consideremos no terreno físico, quer no mental. As diferenças individuais mudam o conceito de crescimento de acordo com a interpretação. Tal afirmação demonstra claramente a relação

mente-corpo, pois as etapas de desenvolvimento humano aplicam-se aos aspectos físicos e mentais do organismo.

4.2.1. O CRESCIMENTO FÍSICO NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Coincidimos com Fonseca(1977) quando realiza a seguinte síntese: Freud mostrou a importância dos primeiros anos de vida no ser humano. A criança tem que passar por conflitos que são necessários para ela. São conflitos identificatórios e não conflitos com o real; e, muito embora o mundo exterior seja sentido pela criança alternativamente como benévolo ou como hostil, sabemos com certeza que não se trata de uma situação biológica ou animal de “luta pela vida” e, sim, de uma situação imaginária, que, pouco a pouco, tem que chegar a simbolizar-se.

Ao nascer, geralmente os meninos são ligeiramente maiores do que as meninas em todas as dimensões corporais. Isso não quer dizer que seja regra.

Nos três primeiros anos de vida a criança apresenta um ritmo rápido de crescimento. Aos dois anos de idade ela já tem a metade da altura que terá ao completar seu desenvolvimento físico. Depois dos três primeiros anos ocorre um longo período (dos três aos onze anos, aproximadamente) em que o crescimento é mais lento, embora regular.

Na adolescência há novamente uma aceleração. Essa aceleração é conhecida como o estirão da adolescência, em que há um aumento de 8 a 10 cm na altura por ano, durante alguns anos.

Para a maioria das pessoas, o crescimento físico se completa por volta dos dezoito anos de idade. Há grande variabilidade entre os indivíduos, tanto no momento em que o crescimento se acelera, quanto na taxa de crescimento (durante o período de aceleração)

As crianças que começam a crescer mais cedo não se tornam necessariamente, mais altas do que aquelas que iniciam o crescimento mais tarde. Além disso, existem diferenças entre os sexos quanto ao padrão de crescimento. Por exemplo, o estirão da adolescência ocorre mais cedo para as moças do que para os rapazes e o processo de maturação é mais rápido para elas do que para eles.

4.2.2. FATORES QUE INTERFEREM NO CRESCIMENTO

Muitos autores citam tais fatores referindo-se principalmente, aos fatores emocionais, como também ao fator alimentação. Mas, vários são os fatores que interferem no crescimento físico. Entre eles estão: hereditariedade, nutrição e saúde, equilíbrios hormonais, estados emocionais como já foi citado.

Podemos pressupor um processo de maturação como um dos agentes das mudanças no crescimento. A sequência das mudanças na estatura, portanto, é um dos aspectos determinados por fatores genéticos. O crescimento corporal é um dos aspectos do desenvolvimento que é bastante influenciado por fatores hereditários. No entanto, a má nutrição, doenças e estresse, se forem muito severos e prolongados, porém ter um impacto negativo sobre o crescimento físico.

A má nutrição inibe o desenvolvimento físico e a motricidade, bem como o desenvolvimento intelectual. As crianças que não tem boa alimentação tendem a ser mais baixas, a pesar menos e apresentar um ritmo mais lento tanto no crescimento, quanto na atividade motora.

Doenças prolongadas e o estresse também podem prejudicar o desenvolvimento normal dos indivíduos. Porém, a má nutrição e as doenças podem facilmente ser superadas se elas não causarem danos permanentes.

Na idade pré-escolar e escolar existem alternâncias de relativo equilíbrio e desequilíbrio: o ritmo de atividade introvertida em oposição à extrovertida, do lar em oposição à escola, dos interesses individuais em oposição aos interesses coletivos, enfim, mostra que a criança se desenvolve e se ajusta de acordo com a idade cronológica e com as características bio-psico-físico-sociais.

4.3. MATURAÇÃO

A Maturação é entendida como um padrão de transformações ou de crescimento, assim podem-se dar características da maturidade mediante tabulação de gradientes de crescimento, tornando-se previsível o nível que a criança está e enfatizando o desenvolvimento para níveis mais complexos.

CAPÍTULO V

A PSICOMOTRICIDADE NA ESCOLA

O objetivo aqui proposto é aproximar as concepções de psicomotricidade e Educação Psicomotora, pois estes termos juntos, são de unidade funcional, e não a expressão de domínio justapostos.

Melcherts cita PICO e WAYER quando explicam muito bem o significado da educação psicomotora:

“... a educação psicomotora é uma ação pedagógica e psicológica que utiliza os meios de educação física com o fim de normalizar ou melhorar o comportamento da criança”
. (1996, p.22)

Se os dois conceitos encerram a noção de movimento como meio de integração e melhoria das capacidades físicas da criança e se essa é considerada uma unidade psicossomática, não há por que diferenciar, em sua essência, o conceito de Psicomotricidade do de Educação Psicomotora, pois esse último não é o privilégio de uma psicopedagogia, mas uma necessidade para o desenvolvimento infantil, passível de ser deduzido desta afirmação de LE BOULCH:

“Em todos os casos em que é evidente a perturbação da relação fundamental entre o eu e o mundo, a reeducação psicomotora permite obter bons e, às vezes, espetaculares resultados. Porém, se um método produz esses efeitos em crianças com deficiências mentais, com maior razão o fará em sujeitos normais, durante toda a etapa de maturação de seu esquema corporal.”
(1982,p.87)

A educação pelo movimento, para desenvolver, facilitar e reforçar a aprendizagem escolar, se bem integre a educação física, é um princípio universal reconhecido por médicos, psicólogos, educadores e especialistas.

Melcherts repete o que diz Segundo Jean-Claude Coste em suas pesquisas:

”...movimento é noção muito complexa que designa uma realidade sumamente diversificada, e cujos diferentes aspectos só se articulam em torno desta definição; chama-se movimento a toda translação ou a todo deslocamento de um corpo ou objeto no espaço. Para o corpo, trata-se de todo e qualquer deslocamento de um ou de vários segmentos, ou do corpo em seu conjunto.” (1996, p.19)



GESELL reconhece a importância do movimento como elemento de construção da personalidade e do desenvolvimento motor da criança, resultado, por um lado, das experiências vividas e, por outro, da maturação fisiológica, ao afirmar: *“O crescimento é movimento. Nossa principal preocupação deve ser a posição da criança dentro de um ciclo dotado de movimento progressivo.”* (1977)

Melcherts refere-se a SKINNER ao destacar a importância do movimento ao fazer a análise do comportamento:

“O comportamento é uma característica primordial dos seres vivos. Quase o identificamos com a vida propriamente dita. Qualquer coisa que se mova é tida como, especialmente quando o movimento tem direção ou age para alterar o ambiente. O movimento acrescenta verossimilhança a qualquer modelo de um organismo.” (1996, p.19)

Assim, o conceito de Psicomotricidade adotado por Melcherts após estudos feitos baseados nos autores citados anteriormente é este :

“...a educação dos movimentos ou, através dos movimentos, visando a uma melhor utilização das capacidades psico-físicas da criança e favorecendo o seu desenvolvimento.” (1996,pág 62)

Em face disso, estabeleceu-se que:

- a) a Psicomotricidade, ou educação Psicomotora, não é um novo método da educação física, mas sua própria base e, principalmente, parte integrante da ação educativa e do processo de aprendizagem escolar.
- b) a Psicomotricidade é um processo de melhoria do comportamento psicofísico da criança, observado o seu desenvolvimento psicobiológico.
- c) a Psicomotricidade é aplicável tanto a crianças normais como a inadaptadas, pois em qualquer dessas situações o educador procura obter uma melhoria progressiva do comportamento geral da criança. Em relação a esse aspecto, há quase que um consenso comum entre a maioria dos educadores e pesquisadores da Psicomotricidade de que os objetivos na área psicomotora correspondem em sua plenitude aos da educação física, sendo perfeitamente aplicáveis a crianças deficientes e mentais, treináveis.

- d) a Psicomotricidade educa os movimentos por meio dos movimentos que a educação física lhe fornece, sob a forma de atividades seqüenciadas hierarquicamente.

5.1. NECESSIDADE BIO-PSICO-FISIOLÓGICAS DA CRIANÇA

A criança, durante seu período de vida (fator biológico), cresce e se desenvolve de acordo com as etapas de maturação cronológica. Esse desenvolvimento é de origem intelectual (fator psicológico) e físico ou corporal (fator fisiológico), correspondendo às necessidades de ajustamento bio-psico-social da criança em três faixas etária: idade pré-escolar (0 a 7 anos); idade escolar (7 a 12 anos e adolescência (12 – 14 a 20 anos).

Entretanto, vai-se focalizar apenas as necessidades da criança pré-escolar até os seis anos de idade, que é uma fase transitória que dá início à fase escolar. As etapas subsequentes de necessidades do desenvolvimento em geral, são divididas em: formação física, desenvolvimento e ajustamento da Psicomotricidade como base da educação do movimento, eficiência física e rendimento motor e estímulo da expressão criativa através do movimento.

5.2. FORMAÇÃO FÍSICA

É o alcance de níveis gerais, básicos e satisfatórios para o desenvolvimento corporal, orgânico, postural e motor.



- Desenvolvimento corporal: pretende-se relacionar a formação com uma adequada estimulação de crescimento, observadas as diferenciações fisiológicas (sistema ósseo, articular, muscular e nervoso, entre outros) e cronológicas.

- Desenvolvimento orgânico: a educação física procura o desenvolvimento da adaptação ao esforço físico pela criança que executa uma atividade física normal, por meio de adequada estimulação cárdio-respiratória, em atividades específicas. A obtenção de uma perfeita postura depende do desenvolvimento corporal (correto alinhamento ósseo-articular e tônus-muscular adequado à musculatura fixadora).

- Desenvolvimento motor: está condicionado ao desenvolvimento das qualidades físicas (resistência, coordenação, força, flexibilidade, agilidade, velocidade e ritmo), estrutura psicomotora, experiências motoras acumuladas e prática permanente de movimento.

5.3. DESENVOLVIMENTO E AJUSTAMENTO DA PSICOMOTRICIDADE COMO BASE DA EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO

Este conteúdo constitui a essência do ensino da Educação Física nos períodos pré-escolar e escolar (4 a 10 anos), pois é neles que se integra e se desenvolve paulatinamente o acervo motor, através da incorporação progressiva de novas estruturas psicomotoras, ajuste das experiências motoras adquiridas anteriormente, aptidões perceptivas e estruturação espaço-temporal, por meio do movimento que, por sua vez, melhora todo o esquema corporal não só da criança na faixa etária dos quatro a dez anos, como também em outras idades.

A educação psicomotora deve adequar aos níveis evolutivos da maturação biológica apresentadas pela criança no momento da aplicação dos objetivos comportamentais, e à variedade de conteúdos ordenada em seqüência hierárquicas, das mais simples à mais complexas.

5.4. EFICIÊNCIA FÍSICA E RENDIMENTO MOTOR

A eficiência física e o rendimento motor correspondem, na criança, às características de um processo ensino-aprendizagem correto das etapas precedentes, traduzido em expressão da economia de movimentos.

A eficiência física caracteriza-se pelo domínio que a criança tem do seu esquema corporal, das ações em relação ao meio, do nível de esforço, qualidade e coordenação da habilidade executada.

O rendimento motor corresponde ao limite máximo das possibilidades observáveis e mensuráveis de um exercício, atividade ou habilidade específica.

5.5. ESTÍMULO DA EXPRESSÃO CRIATIVA ATRAVÉS DO MOVIMENTO

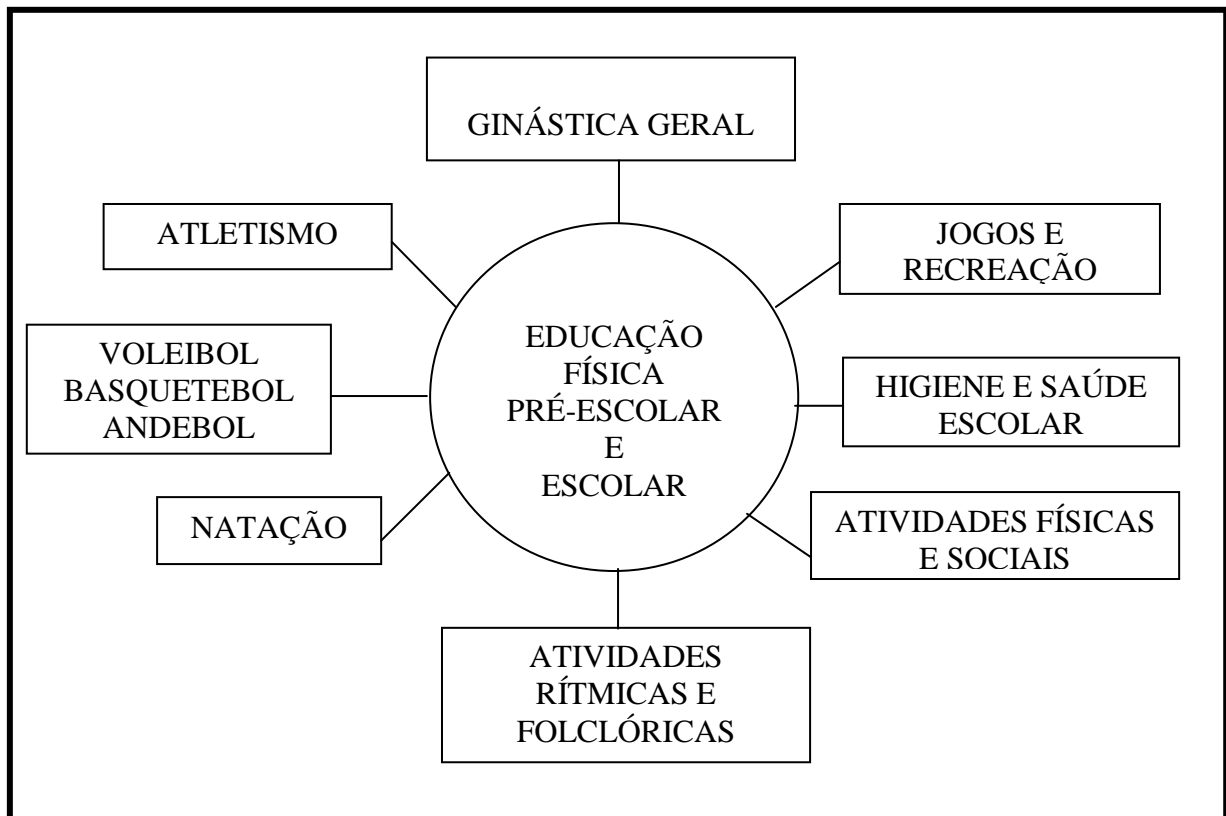
Toda aprendizagem implica num processo criador pelo fato de modificar o comportamento por meio da prática. Na Educação Física, através da maturação biológica e psicológica, ajustamento da psicomotricidade, formação e eficiências físicas, a criança é capaz de resolver criativamente, por meio de movimentos expressivos, interpretativos e gestuais, entre outras, quaisquer comportamentos que se lhe apresentem no campo corporal como coroamento do desenvolvimento harmônico, seqüenciado e hierarquizado de suas potencialidades.

5.6. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR

As necessidades bio-psico-fisiológicas são desenvolvidas por meio de conteúdos apropriados da educação física, que atuam como agentes ou meios da educação global do educando, de acordo com o programa, currículos e objetivos do nível de ensino da criança de quatro a dez anos, no qual estão inseridas as crianças de três a seis anos, faixa esta focalizada neste trabalho.

Entre os conteúdos da educação física adequados ao nível Pré-escolar e Escolar, apresenta-se um esquema que facilita a nossa compreensão acerca das modalidades acima explicitadas :

5.7.1 ESQUEMA PROGRAMÁTICO



Apresentam-se, abaixo, os meios da educação Física básicos a esses períodos para operacionalização dos conteúdos propostos, traduzidos nas atividades seguintes:

1. **Ginástica geral**
2. **Jogos e recreação**
3. **Atletismo**
4. **Atividades rítmicas e folclóricas**

A *Ginástica Geral* é um dos meios da educação física que utiliza exercícios analíticos ou sintéticos, construídos pela imaginação do homem e destinados a suprir a falta de atividade natural a que o obrigam as condições da vida moderna, combatendo, assim, o sedentarismo e estimulando o pleno desenvolvimento de todas as funções orgânicas. A *ginástica* de acordo com suas características e finalidades, pode ser dividida em: Ginástica natural, ginástica rítmica, ginástica formativa, ginástica olímpica, ginástica corretiva, ginástica de compensação e ginástica de manutenção.

-Ginástica Natural: que tem por finalidade principal a educação das necessidades primárias de movimentos da criança: andar, saltar, correr, galopar, arremessar, rolar, lançar, quadrupedar, saltitar, entre outras.

-Ginástica rítmica: é aquela que, empregando os movimentos naturais de criança, permite desenvolver a criatividade, expressão corporal e formação física, psíquica e social, através de atividades rítmicas.

-Ginástica Formativa: é a que visa auxiliar o desenvolvimento físico-corporal do aluno, através de exercícios de força, elasticidade, flexibilidade, coordenação, resistência e velocidade, basicamente.

-Ginástica Olímpica: é o conjunto de exercícios ou atividades que permitem ao indivíduo aumentar e melhorar suas qualidades físicas e psíquicas pela prática de formas básicas de movimentos no solo ou em aparelhos. próprios à execução desse esporte individual

-Ginástica Corretiva: é a responsável a corrigir a postura de indivíduos que, pelo tipo de trabalho, desenvolvam a L.E.R e D.O.R.T, por ficarem em posição incorretas ou serem forçados a adotá-las.

-Ginástica de Compensação: é a aquela que emprega exercícios naturais para a ativação do corpo humano, sendo indicada para pessoas que são obrigadas a ficar muito tempo numa mesma posição, executando determinado trabalho. Esse tipo de ginástica, bem como a corretiva, pode ser usada para reabilitação de deficientes físicos e para a recuperação pós-traumática de pessoas acidentadas.

-Ginástica de manutenção: é qualquer tipo de exercício executando periodicamente para a manutenção da atividade corporal; é indicada para pessoas que desejam manter sua forma física e funções orgânicas em perfeito funcionamento.

5.7. JOGOS E RECREAÇÃO

Na faixa etária dos quatro aos dez anos, o jogo é um dos principais meios da educação física para a realização de atividades e consecução de objetivos; contudo, também atende às necessidades bio-psico-fisiológicas e sociais da criança, num processo gradual de integração, estruturação e classificação, segundo o nível, objetivo, modalidade ou classe de jogo a ser realizado.

Melcherts, aproveitando-se da definição de Claparède, assim, define o jogo:

“...psicológica e fisiologicamente, o jogo, como toda atividade espontânea de um ser vivo, não é mais que uma manifestação da tendência de todo ser para desdobrar, para afirmar sua personalidade.” (1996, p.36)

A criança participa de jogos simples (motores, sensoriais, criativos e recreativos) para à medida que se desenvolve física e psiquicamente, aceitar o processo de ajustamento ao meio. Os jogos, de um modo geral, têm a seguinte classificação:

- *Jogos motores*: são os exigem a participação ativa do corpo em sua totalidade.

Ex: pega-pega.

- *Jogos sensoriais*: são os que ajudam a desenvolver os órgãos dos sentidos.Ex:

cabra-cega.

- *Jogos criativos*: visam desenvolver a criatividade e espontaneidade da criança através do jogo, usando movimentos imitativos, gestuais, interpretativos e corporais, em geral.

- *Jogos recreativos*: são os que têm o objetivo apenas de recrear ou distrair as crianças por meio de uma atividade integradora.

5.8.A FUNÇÃO DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Lima (1980) baseia-se no estudos de *Vygotski* ao observar que o ensino sistemático não é o único fator responsável por alargar os horizontes da zona de desenvolvimento proximal. Ele considera o brinquedo uma importante fonte de promoção de desenvolvimento. Afirma que, apesar do brinquedo não ser o especto predominante da infância, ele exerce uma enorme influência no desenvolvimento infantil. O termo “brinquedo”, empregado pelo autor num sentido mais amplo, se refere principalmente à atividade, ao ato de brincar. É necessário ressaltar também que embora ele analise o desenvolvimento do brinquedo e mencione outras modalidades (como por exemplo, os jogos esportivos), dedica-se mais especialmente ao jogo de papéis ou à brincadeira do faz-de-conta (brincar de polícia, de ladrão, de médico, vendinha etc.). Este tipo de brincadeira é característico nas crianças que aprenderam a falar e que já são capazes de representar simbolicamente e de se envolver numa situação imaginária



CAPÍTULO VI

A IMAGEM CORPORAL NA CRIANÇA



6.1. ESQUEMA CORPORAL

Segundo Wallon (1971), o esquema corporal se constitui no elemento básico indispensável à formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo.

A própria criança percebe-se, aos seres e às coisas que a cercam, em função de sua pessoa. Sua personalidade se desenvolverá graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo à sua volta.

A criança se sentirá bem na medida em que seu corpo a obedeça e o conheça bem em que pode utilizá-lo, não somente para movimentar-se, mas também para agir.

Para Melcherts (1996), baseado nos estudos de Head e Sheiler, o esquema corporal é um referencial sinestésico que responde, a cada instante, a situação presente e que varia a cada mudança de atitude. Sendo, pois uma estrutura que permite a globalização e a unificação incessante das informações provenientes do corpo – próprio. O esquema corporal é, portanto, a base fundamental de função de ajustamento e o ponto de partida necessário a qualquer movimento. O desempenho da função de interiorização, isto é, de uma forma de atenção perceptiva central no corpo, e que vai permitir aquilo que as diretrizes oficiais chamem de conscientização do esquema corporal.

6.2. COORDENAÇÃO DAS MÃOS

O domínio harmonioso e delicado do gesto, a estruturação corporal e a orientação temporal são os três fundamentos da escrita. Com efeito, a escrita supõe:

- Direção gráfica (da esquerda para a direita);
- Noções de “em cima” e “em baixo”, da esquerda e direita, de oblíquas e curvas, para que se evitem equívocos tais como: escrever “u” em vez de “n” .
- Noções de “antes” e “depois”, para ordenação dos movimentos de escrever.

6.3. COORDENAÇÃO DINÂMICA GERAL

Sabendo-se que a coordenação está subordinada à maturação do sistema nervoso, à idade, à fadiga e ao exercício. A experiência vivida do corpo em confrontação com o objeto, permite o esboço da “primeira maquete” do esquema corporal, assegurando um desembaraço global do corpo em relação ao seu meio de comportamento. Na fase do “corpo vivido”, o meio fornece à criança a matéria para a sua atividade de exploração. Depois que a criança tem noção de esquema corporal, busca a movimentação deste corpo através da coordenação dinâmica geral, que é o próprio corpo coordenado em movimentos vividos e equilibrados, ou seja, a “plasticidade de ajustamento”.

A ajuda principal que se pode fornecer à criança persiste em colocá-la nas melhores condições para realizar suas tentativas e seus erros. É necessário que a meta a ser atingida seja bem definida e que lhes sejam fornecidas possibilidades de autocontrole.

6.4. ORIENTAÇÃO TEMPORAL

A criança verifica pouco a pouco que a realização de um ato leva certo tempo e que vários acontecimentos não ocorrem simultaneamente.

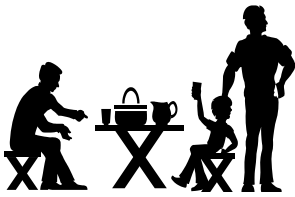
Orientar-se no tempo significa situar-se no presente em relação a um antes e um depois. Versa sobre a capacidade do indivíduo avaliar o movimento do tempo distinguindo os movimentos rápidos dos lentos e os sucessivos do simultâneo. É saber situar os movimentos no tempo e alguns acontecimentos em relação a outros.

Fonseca (1971), ressalta que a noção temporal é adquirida pela criança através de seu corpo, estando ligado aos próprios movimentos e aos dos outros em sua convivência sócio-familiar, onde percebe a rotina da vida diária (tempo subjetivo). Aproximadamente aos seis anos, inicia-se a fixação de manhã e tarde; aos sete anos, os dias da semana.

6.5. ESTRUTURAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

Relativamente à orientação espaço-temporal, a estruturação do espaço – temporal representa o resultado de um esforço suplementar que envolve a análise intelectual dos dados imediatos da orientação.

Com isso, a criança depois de desenvolver o domínio corporal e a relação espaço e tempo dado por seu corpo como referência em experiências vividas, passa a dominar esse espaço e esse tempo em nível abstrato e mental. Ao mesmo tempo, a criança toma distância em relação ao objeto e às situações que pode representá-las por símbolos que permitem operações num plano virtual. A habilidade em manipular objetos mentalmente, começa a ser adquirida a partir de sete a oito anos de idade.



6.6. LINGUAGEM

A linguagem é apresentada através do meio, é de aspecto relacional e de convivência, do qual a criança é estimulada, ao ouvir as pessoas falarem, e começando, portanto, a falar. Assim, percebe-se que a linguagem é um desenvolvimento de si mesmo para o mundo. Portanto, a afirmação do eu em relação aos outros, promovendo uma consciência social, tendo caráter efetivo, de expressão, emoção e sentimentos. A linguagem é o resultado do desenvolvimento neurológico, inteligência, afetividade, motricidade e de socialização. Para aprender, deve-se considerar os níveis de maturação, experiências anteriores, motivação, diferenças individuais e a socialização .

6.7. LATERALIDADE

A lateralidade é o emprego, de preferência, dos membros de uma metade do corpo. Em geral, devemos considerar muitos fatores que intervêm: fatores orgânicos, maturação neurofisiológica e meio.

Ampliando-se este enfoque, aprofundam-se as atividades terapêuticas ocupacionais, que podem viabilizar a expressão, a espontaneidade, o conhecimento das potencialidades e as limitações das crianças durante as suas ações no mundo.

Um dos objetivos principais da terapia ocupacional na utilização do valor objetivo e subjetivo da imagem do corpo é procurar tornar precisa as leis que presidem as construções de base intelectuais e motoras, não só a partir do reconhecimento das sensações às mais intimamente ligadas ao indivíduo.

A terapia ocupacional interfere na relação da imagem do corpo (como imagem de si mesmo) com o mundo exterior. Toda pulsão de um indivíduo equivale à tomada de

consciência de uma “direção” que visa um elemento qualquer (objetos concretos e/ou simbólicos, palavras, expressões motoras...). A representação mental dos movimentos é antes de tudo, uma representação mental das diversas direções que podem tomar nossos diferentes segmentos corporais em torno do eixo central desse corpo. O movimento, constrói-se fragmentando o espaço virtual que esse movimento é susceptível de ocupar. É aqui, nas repetições de atitudes, na forma de olhar a realização de atividades ou produções, na facilitação da ocupação do espaço virtual pelo corpo de ser, que se constitui uma das importantes funções do trabalho terapêutico ocupacional.

Também tem um objetivo, intervir terapêuticamente nas atividades ocupacionais, visando um contato integral neuropsicomotor com diferentes materiais, objetos e situações, dentro de um processo criativo, espontâneo, não alienado, de desafios e descobertas, transferindo para as demais, atividades do cotidiano, dando condições para explorar o potencial motor, e auxilia-la na aquisição de padrões essenciais e fundamentais do desenvolvimento.

Devido a essa concepção de poder é que as atividades terapêuticas ocupacionais estabelecem no desenvolvimento psicomotor da criança suas colocações. Contribuirão, revelando a importância, acompanhando o desenvolvimento neuropsicomotor, a fim de favorecer uma independência pessoal do desenvolvimento. Não se pode pular de uma fase para a outra, para que seja possível um aprendizado concreto de movimentos. As atividades terapêuticas ocupacionais deverão ser inseridas, respeitando a evolução gradativa do desenvolvimento neuropsicomotor da criança, utilizando técnicas e métodos específicos, possibilitando maior plasticidade cerebral da criança.

CAPÍTULO VII

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PSICOMOTORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA IMAGEM CORPORAL

7.1. ATIVIDADES PARA TRABALHAR ESQUEMA CORPORAL, IMAGEM CORPORAL E CONCEITO CORPORAL

O esquema corporal, constrói-se num modelo postural de nós mesmos. Ele é a tomada de consciência global do corpo que permite o uso simultâneo de determinadas partes. A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e sua motricidade. Corresponde a conjunto funcional cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento. Quanto ao conceito corporal, esse tem a capacidade de conceituar as partes do corpo, de conhecer seu próprio corpo, a sensação de pessoa, como ela se vê.

- Coloca-se a criança em frente ao espelho e pede que ela verifique se o seu corpo está reto, se ele é alto ou baixo;
- Pede-se a criança que ela cresça o máximo que puder (esticar-se bem), ou o contrário, que ela diminua, se baixe o tanto que puder. Crescer e diminuir;
- Completamente imóvel, a criança se passará por estátua. Firme, imóvel sem se mexer;
- Domínio corporal: uma criança que brinca de correr e choca-se sempre com seus coleguinhas ou em obstáculos, em pouco tempo não conseguirá mais brincar, pois sente que não consegue dominar bem o corpo;
- Conhecimento corporal: uma criança que passa por baixo de uma mesa, mas esquecendo-se de dobrar as pernas, acaba batendo a cabeça na mesa.

7.2. ATIVIDADES PARA PROPRIOCEPTIVIDADE

As atividades aqui sugeridas despertam sensações internas que se tem receber do próprio corpo. Capacidade que se tem de perceber a relação da conta com o cordão com ela mesma, como também, a posição da conta e do cordão em sua relação recíproca.

- Colocam-se círculos ao acaso na sala, a criança deve deslocar-se colocando o pé sucessivamente nos círculos;
- Traçar um corredor: Três a quatro crianças deslocando-se de A para B caminhando ao sinal. Elas devem circular à direita, à esquerda ou dentro do corredor;
- As crianças devem estar dispostas em fileiras: ao som de uma música, deixam as fileiras e se deslocam pela sala. Quando a música parar, elas deverão formar novamente as fileiras na mesma ordem;
- Crianças sentadas em círculos: uma delas sai da sala, as outras mudam de lugar e uma delas ocupam a cadeira da qual saiu. A criança que saiu, volta para a sala e deve reconhecer sua carteira.

7.3. ATIVIDADES PARA TRABALHAR A PERCEPÇÃO TEMPORAL

Essas atividades compreendem as dimensões do tempo em relação a acontecimentos do passado, presente e futuro.

- Joga-se uma bola ao alto e quando ela tocar ao chão, deve-se pular;
- Pegam-se duas bolas, rolam-se as duas mesmo tempo (uma bem devagar e a outra mais rápida) Pergunta-se à criança: Qual das duas bolas chegará primeiro?;
- Põe-se uma música e a criança deve bater o pé acompanhando o ritmo da música;
- Praticar exercícios que envolvam noções de hoje, ontem, amanhã, noite e dia;
- Pedir que a criança fique de olhos fechados até que uma determinada música que está tocando, termine.

7.4. ATIVIDADES PARA SE TRABALHAR NOÇÕES DE FIGURA - FUNDO

Aqui deve-se ter capacidade de conjunto, de forma que é o foco da atenção e o fundo que funciona como segundo plano.

- Colam-se várias figuras em uma cartolina, coloca-se no quadro negro escolhendo a figura por sua utilidade para ser identificada pela criança;
- Colocam-se três disquinhos de historinhas para tocar, em seguida, pergunta-se à criança, que deve estar de olhos vendados: Qual a historinha que primeiro foi tocada?;
- Colocam-se vários objetos dentro de um saco. A criança, de olhos fechados, deverá pegar apenas o objeto que lhe foi solicitado;
- Com os olhos vendados, a criança deve, ao pegar um objeto que foi ao fogo, dizer se ele é quente ou frio;
- Entrega-se um alter de 2 kg a uma criança e pergunta-se: é leve ou é pesado?

CONCLUSÃO

Como foi mostrado, no ventre, a criança começa a se desenvolver, desenvolvimento esse que não depende só da maturação biológica, mas de vários fatores, tais como: afetividade, alimentação, saúde, enfim, o desenvolvimento psicomotor e a personalidade se desenvolvem na medida em que a criança seja tratada em sua essência como um ser que necessita de um mundo ao seu redor que lhe dê paz, compreensão, amor..

E para que o educador possa fazer com que seu trabalho seja eficiente, é necessário antes de tudo que ele se integre ao seu mundo, não para desrespeitar o seu espaço, mas para compreendê-la melhor, e compreendendo melhor ainda, amá-la, respeita-la, prestigiá-la como um ser cheio de fantasias, medos, vontades, etc.

A criança tem problemas afetivos e cognitivos. E a educação em si, visa a preparar o indivíduo para a vida, propiciando-lhes o desenvolvimento de suas capacidades físicas, mentais e sociais.

A educação está estritamente ligada à educação física por trabalhar a atividade psicomotora, ou seja, os movimentos das mais variadas formas, à medida que seu desenvolvimento biológico (maturacional) e cronológico integra-se às suas próprias necessidades. E nenhuma educação pode ser completa se não levar o indivíduo a crescer no plano físico, pois trabalha-se o comportamento em relação a si mesmo e aos outros.

E vários autores tais como: Skinner, Wallon, Gesell, Piaget, dentre outros, focalizam a atividade psicomotora adequada às faixas etárias, como ponto indiscutível no progresso do desenvolvimento intelectual e físico da criança de três a seis anos de idade.

O conceito da psicomotricidade à educação psicomotora, com métodos e concepções orientadas para uma ação educativa, onde a criança reeducará o seu comportamento por meio do corpo, fortalecendo assim a mente.

Portanto, a necessidade da atividade física para a criança de três a seis anos é tão necessária quanto a alimentação, pois enquanto um alimenta o corpo, o outro alimenta e cura alma, o intelecto do indivíduo.

Portanto, o papel preventivo da educação psicomotora deve ser uma prática comum na educação das crianças desde a mais tenra idade. Tem, portanto, funções bem definidas e que propicia a descoberta de si e do outro, aquisição da identidade corporal, desenvolvimento das habilidades psicomotoras, próprias de cada faixa etária dos indivíduos.

Entretanto, vale por bem resgatar a imagem da educação física como recreação, num jogo de atividades orientadas (de acordo com cada faixa etária), reconhecer a psicomotricidade como meio de direcionamento, até mesmo tratamento, no combate aos vários fatores aqui já discutidos, que interferem no bom funcionamento do organismo (físico e cognitivo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, Vitor da. *Contributo para o estudo da Gênese da psicomotricidade*. 2ª ed. Lisboa. Ed. Notícias, 1977.

GESELL,A. *El niño de 5 a 10 años*. Buenos Aires, Paidós, 1977.

LE BOULCH, Jean. *O desenvolvimento Psicomotor*. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Piaget para principiantes*. Summus Ed., 5ª ed. São Paulo, 1980.

MELCHERTS HURTADO, Johan Gustavo Guilherme, *Educação Física Pré-escolar e Escolar: Uma abordagem psicomotora*. 5ªed. Porto Alegre. EDITA. 1996.

PIAGET, Jean. *O Nascimento da Inteligência da Criança*.Lisboa: Dom Quixote,1977.

PIAGET,Jean. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

WALLON, Henry. *As origens do caráter na criança*. São Paulo, Difusões Européia do livro, 1971.

RESUMO

Este trabalho vem celebrar todas as etapas de uma vivência baseada na troca de palavras, nos gestos - positivos ou não - mas que completam todo o sentido da socialização. O primeiro capítulo delinea a criança em toda a sua totalidade como um ser humano que está sempre em transformação, por isso é misterioso e ao mesmo tempo ingênuo. O segundo capítulo: A criança de três a seis anos, apresenta todas as características de um ser que aprende, mas que também ensina, que se apropria dos fatos para elaborar o seu próprio eu. Ela organiza seus pensamentos, tem sua visão de ver as coisas que a cercam. Portanto, a criança não é “um ser em miniatura”, mas sim, um ser que está sempre em processo de desenvolvimento psicomotor. O terceiro capítulo: A criança e o Movimento, vem resgatar a importância de atividades motoras para o desempenho corporal e cognitivo da criança, enaltecendo a educação física como parte pedagógica para o desenvolvimento humano. Dando seqüência ao capítulo quatro: O Desenvolvimento, o crescimento e o Maturação da criança, incrementam estudos feitos por estudiosos, na expectativa de desenvolver a inteligência, através do estímulo palavra, pelo exercício adequado e orientado, alarga os horizontes da criatividade. Ao pesquisar e estudar o quinto capítulo, aprimora-se com veemência toda uma vivência marcada pela psicomotricidade, mesmo antes de chegar ao mundo. Após ter conceituado a criança no seu mundo natural, afetivo, social, seus movimentos, o porquê das brincadeiras, o desenvolvimento e crescimento diante da sociedade que tem como tendência transformá-la para si, e não satisfazer os seus porquês, vimos agora, conceituar, definir a aproximação entre as concepções de psicomotricidade e expressão psicomotora. Para tanto, a seguir temos referenciais teóricos, tais como: Le Boulch, de George La Grande e A. Maigre e J. Destrooper, dentre outros que muito contribuíram para o esclarecimento e posicionamento da função da psicomotricidade e incrementam ainda hoje, o papel e importância da psicomotricidade no desenvolvimento cognitivo e crescimento da criança de três a seis anos idade. No sexto capítulo, ressalta o intercâmbio que a criança trava entre si e o seu próprio mundo, onde a imagem que ela faz do seu corpo se ordena, se cria a partir da experiência da qual todos os seres humanos efetuam a conquista da imagem do seu corpo em relação ao outro, e o seu como em função de si mesma.